

Número Especial

120 anos Fundação Visconde de Cairu

Fundação Visconde de Cairu – 120 Anos: Arte, Cultura e Extensão Universitária como Práticas Acadêmicas Integradoras – Projeto: Talentos da Cairu

*Visconde de Cairu Foundation – 120 Years: Art, Culture, and University Extension as
Integrative Academic Practices*

Marialda Pinho¹

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre as práticas acadêmicas integradoras que articulam arte, cultura e extensão universitária, no contexto da celebração dos 120 anos da Fundação Visconde de Cairu. A partir do Projeto *Talentos da Cairu*, desenvolvido pelo Núcleo de Extensão da instituição, analisa-se como as manifestações artísticas contribuem para a formação integral de estudantes e colaboradores, reforçando o papel da universidade como agente de produção e difusão cultural. Parte-se da compreensão de cultura como direito fundamental e elemento essencial à construção da subjetividade, destacando-se a importância da extensão universitária na democratização do acesso à cultura e na promoção de espaços de expressão, pertencimento e transformação social.

Palavras-chave: Arte. Cultura. Extensão Universitária. Talentos da Cairu.

Abstract: This article reflects on integrative academic practices that bring together art, culture, and university outreach within the context of the 120th anniversary of the Visconde de Cairu Foundation. Drawing on the Talentos da Cairu Project, developed by the institution's Extension Center, it examines how artistic expressions contribute to the holistic education of students and staff, reinforcing the university's role as a producer and disseminator of culture. Culture is approached as both a fundamental right and a key element in the construction of subjectivity, underscoring the relevance of university outreach in democratizing access to cultural experiences and in fostering spaces for expression, belonging, and social transformation.

Keywords: Art. Culture. University Extension. Talentos da Cairu.

¹ Professora da Faculdade Visconde de Cairu, participa do núcleo de extensão da faculdade e coordena o projeto Talentos da Cairu e projetos culturais envolvendo a comunidade em torno da Cairu. E-mail: marialdapinho@cairu.br

Introdução

A Fundação Visconde de Cairu celebra, em 2025, 120 anos de trajetória dedicada à educação superior, reafirmando seu compromisso com a formação cidadã, a produção do conhecimento e o fortalecimento de vínculos com a sociedade. Essa marca histórica convida à reflexão sobre as práticas institucionais que, ao longo do tempo, contribuíram para consolidar a missão da Fundação enquanto espaço de ensino, pesquisa e extensão comprometido com a transformação social. Nesse contexto, destaca-se a relevância das ações extensionistas como dimensão formativa que integra os saberes acadêmicos à realidade social e cultural dos sujeitos envolvidos no ambiente universitário.

É nesse cenário que se insere o Projeto *Talentos da Cairu*, iniciativa do Núcleo de Extensão, coordenado pela professora Marialda Pinho, que busca articular arte, cultura e vida universitária por meio da valorização das expressões artísticas dos estudantes e colaboradores da instituição. A partir de apresentações musicais, poéticas e performáticas, o projeto promove espaços de pertencimento, reconhecimento e construção coletiva do saber, evidenciando a potência da extensão universitária como prática acadêmica integradora. Ao resgatar o papel da cultura como direito fundamental e instrumento de formação humana, a iniciativa reafirma o compromisso da Fundação Visconde de Cairu com uma educação crítica, plural e sensível às demandas sociais.

Este artigo propõe uma reflexão sobre as práticas acadêmicas integradoras que articulam arte, cultura e extensão universitária, no contexto da celebração dos 120 anos da Fundação Visconde de Cairu. Ao considerar a trajetória da instituição, destaca-se a importância de ações extensionistas que vão além do ensino formal, ampliando o papel da universidade como espaço de construção de saberes diversos e interdisciplinares.

Metodologicamente ancorado na pesquisa documental, o estudo analisa o Projeto *Talentos da Cairu*, desenvolvido pelo Núcleo de Extensão da instituição, como uma iniciativa que promove a integração entre estudantes e colaboradores por meio de manifestações artísticas variadas. O projeto evidencia como a vivência cultural no ambiente acadêmico pode contribuir para a formação integral dos estudantes, ao

valorizar a expressão individual, o diálogo coletivo e o reconhecimento da pluralidade de identidades presentes na universidade.

Parte-se, assim, da concepção de cultura como um direito fundamental e uma necessidade básica para o desenvolvimento humano. A partir disso, discute-se a relevância da extensão universitária como instrumento de democratização do acesso à cultura, além de seu potencial para criar espaços de expressão, pertencimento e transformação social. O estudo reforça, portanto, o papel da universidade como agente de produção e difusão cultural, comprometida com a formação cidadã e com a promoção de práticas educativas emancipadoras.

A Arte e a Cultura como Dimensões Essenciais da Formação Universitária

A universidade é, historicamente, um espaço privilegiado de produção, disseminação e fruição da cultura. Mais do que um centro de ensino e pesquisa, ela também deve cumprir seu papel social de fomentar o pensamento crítico, a sensibilidade e o desenvolvimento integral do ser humano, promovendo práticas que envolvam criatividade, expressão e engajamento social. A presença da arte e da cultura no ambiente universitário contribui para a ampliação de repertórios simbólicos, estéticos e humanísticos, fortalecendo a formação cidadã e a construção de sujeitos mais críticos e sensíveis às questões sociais, políticas e culturais do seu tempo.

Como afirma Gilberto Gil (apud Projeto Talentos da Cairu, 2024), “Cultura é ordinária. Cultura é igual a feijão com arroz. É necessidade básica. Tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo”. Essa afirmação reforça a ideia de que a cultura deve ser compreendida como um direito essencial e não como um privilégio ou acessório elitista. A universidade, nesse contexto, ocupa um papel estratégico na democratização do acesso à cultura e no estímulo à produção cultural, sobretudo ao considerar as desigualdades históricas que ainda excluem grande parte da população dos bens culturais.

A relevância da arte e da cultura para a formação universitária encontra respaldo em diversos teóricos. Marilena Chauí (2003) destaca que a cultura é um dos pilares da universidade, ao lado do ensino, da pesquisa e da extensão, sendo fundamental para a constituição de sujeitos autônomos, críticos e comprometidos com a transformação social. Ainda segundo a referida autora, a universidade deve ser um

espaço de liberdade intelectual e criação simbólica, onde a arte ocupa lugar central na construção de sentidos e na promoção de experiências estéticas e afetivas.

Pierre Bourdieu (1996), por sua vez, ao discutir a noção de capital cultural, reforça que o acesso à cultura amplia as possibilidades de inserção social e profissional, sendo determinante na constituição das trajetórias de vida dos indivíduos. Para o autor:

A universidade pode e deve atuar na ruptura com a lógica excludente que restringe o acesso à cultura às elites econômicas e sociais, favorecendo a circulação e valorização de diferentes manifestações culturais e artísticas, inclusive as periféricas e populares. (Bourdieu, 1996, p. 12)

Essa proposição ressalta o papel transformador da universidade como agente de democratização cultural. Segundo as ideias de Bourdieu, as instituições educacionais tendem a reproduzir desigualdades simbólicas aquilo que ele chama de *violência simbólica* ao legitimar apenas formas culturais associadas às classes dominantes.

Nesse contexto, cabe à universidade se contrapor a essa reprodução, abrindo espaço para diversas expressões culturais. Em outras palavras, diante do processo de *decolonização* é importante ressaltar que a universidade não deverá ser uma guardiã das culturas "legítimas" segundo padrões elitistas, mas um espaço de reconhecimento democrático das múltiplas formas de cultura valorizando, por exemplo, manifestações populares e periféricas que frequentemente são invisibilizadas. Isso implica romper com estruturas simbólicas de poder, confrontar o monopólio cultural da elite e promover uma circulação mais diversa do conhecimento.

Além disso, Paulo Freire (1996) enfatiza a importância da cultura na formação de um pensamento crítico e emancipador, defendendo a articulação entre cultura, arte e educação como caminhos para a humanização e libertação dos sujeitos. Ainda de acordo com o autor citado:

A cultura e a arte são dimensões indissociáveis do processo educativo, pois ampliam as possibilidades de leitura de mundo, estimulam a criatividade e a imaginação, e contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. (Freire, 1996, p. 117)

Nesse sentido, promover espaços de cultura e arte no ambiente universitário – seja por meio de grupos artísticos, festivais, oficinas, exposições ou projetos de extensão – representa uma ação que vai além do entretenimento: trata-se de garantir o acesso ao simbólico como parte do direito à educação e à cidadania. Como destaca Canclini (2008), pensar a cultura no espaço acadêmico é também pensar formas de pertencimento, participação e reconhecimento social. Portanto, a presença da arte e da cultura na universidade deve ser compreendida como parte fundamental de sua função social e educativa, ampliando horizontes e estimulando o desenvolvimento pleno dos sujeitos, em consonância com os desafios contemporâneos que exigem cada vez mais sensibilidade, criatividade e consciência social.

Cultura e Universidade: uma via de mão dupla

A cultura, compreendida em sentido amplo, envolve todas as formas de expressão, comportamento, linguagem, arte e saberes produzidos e compartilhados pela humanidade ao longo do tempo. Nesse aspecto, a universidade não apenas produz cultura, mas também é moldada por ela, atuando como espaço de constante circulação simbólica e de reinterpretação de saberes, práticas e valores. Como destaca o próprio projeto: “Sabemos que as artes e a cultura estimulam a criatividade do ser humano [...] e mesmo sabendo que a universidade tanto produz cultura como é produzida por ela”.

A relação entre cultura e universidade deve ser compreendida como uma via de mão dupla, dialógica e transformadora. De um lado, a universidade contribui para a preservação, a renovação e a crítica das manifestações culturais, funcionando como espaço privilegiado para a reflexão e a experimentação. Por outro lado, ela é atravessada pelas culturas que nela circulam – acadêmicas, populares, regionais ou globais – o que transforma o ambiente universitário em um território fértil de trocas simbólicas. Como afirma Marilena Chauí (2003, p. 14), “a universidade é um espaço de liberdade criativa, onde a cultura e a arte devem coexistir com o conhecimento científico como dimensões fundamentais da formação humana”. A autora reforça que não há verdadeira formação cidadã sem o estímulo à sensibilidade, à imaginação e à participação cultural dos sujeitos.

Nesse contexto, a presença da cultura no ambiente universitário não é acessória, mas central para a formação integral dos estudantes. Como salienta Freire (1996, p. 23): “A educação é um ato cultural e político”, o que significa que a valorização da cultura e das expressões artísticas no espaço acadêmico amplia as possibilidades de diálogo, de criticidade e de emancipação.” Freire nos lembra que é por meio da cultura que o ser humano se reconhece como sujeito histórico e criador de sentidos para o mundo.

Néstor García Canclini (2008) reforça que a cultura deve ser pensada nas universidades não apenas como patrimônio ou objeto de estudo, mas como prática viva e dinâmica, capaz de gerar pertencimento, identidade e participação social. O autor destaca que o contato com diferentes expressões culturais contribui para ampliar os horizontes dos estudantes e para formar indivíduos mais abertos à diversidade, à inovação e à pluralidade de saberes.

É nesse cenário que a extensão universitária ganha relevância, pois atua como ponte entre o saber acadêmico e as manifestações culturais da comunidade, democratizando o acesso à cultura e valorizando práticas culturais historicamente marginalizadas. Como afirma Chauí (2003, p. 06):

A extensão não deve ser pensada como caridade cultural, mas como troca, encontro e partilha de saberes”. Trata-se, portanto, de reconhecer que a universidade não detém o monopólio do conhecimento e que a interação com as culturas populares, tradicionais e contemporâneas contribui para enriquecer a formação universitária.

Assim, defender a presença da cultura nas universidades é defender uma educação mais humana, criativa e crítica, capaz de formar sujeitos sensíveis às questões sociais, estéticas e políticas do seu tempo. A cultura, como lembra Gilberto Gil (apud Projeto Talentos da Cairu, 2024), “é necessidade básica. Tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo”. Na universidade, esse direito se concretiza quando arte, cultura e ciência caminham juntas como pilares inseparáveis da formação.

Projeto Talentos da Cairu: arte como expressão da subjetividade

O Projeto Talentos da Cairu, iniciativa do Núcleo de Extensão da Fundação Visconde de Cairu, propõe a integração entre alunos e colaboradores da Faculdade por meio de apresentações musicais, exposições de arte e artesanato, mostras poéticas, dramatizações e dança. Segundo o próprio projeto, seu objetivo geral é “promover a integração artística entre alunos e colaboradores da Cairu com apresentações artísticas das mais diversas linguagens da arte”.

Nas fotos abaixo, aparecem: Alexandre Serravalle (estudante de Direito), Carlinhos de Dodô, Gabriel Barros e Wesley Malvar (estudantes de Direito), Amanda Orleans (estudante de Direito), Carlos Brito (percussionista e estudante de Pedagogia), Wander Gutemberg (estudante de Administração), Nalia Barbosa (poetisa e estudante de Direito), Miltinho Jesus (estudante de Administração) e Douglas Reis (coordenador da ABEAC e estudante de Pedagogia).

Figuras 1 – Apresentações Talentos da Cairu



Fonte: Acervo da autora.

Os estudantes acima mencionados fazem parte integrante do Projeto *Talentos da Cairu*. Eles participam ativamente das atividades artísticas e culturais promovidas pelo projeto, contribuindo com suas habilidades e vivências acadêmicas e artísticas para a construção coletiva de espaços de expressão e formação. A diversidade de cursos e perfis, que inclui estudantes de Direito, Administração e Pedagogia, assim como artistas e poetas, reforça o caráter interdisciplinar e integrador da iniciativa, fortalecendo o diálogo entre universidade, cultura e comunidade.

Figuras 2: Cards de divulgação Talentos da Cairu



Fonte: Instagram Faculdade Visconde de Cairu

A justificativa da ação está centrada na compreensão de que a arte é uma forma de manifestação da subjetividade humana e, portanto, é elemento essencial na formação crítica, criativa e sensível dos sujeitos. Ao envolver os participantes de forma ativa nas expressões artísticas, o projeto contribui para o fortalecimento de vínculos afetivos, a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento dos talentos individuais, além de fomentar um ambiente acadêmico mais plural e acolhedor.

Essa proposta reflete um movimento mais amplo nas universidades brasileiras, que reconhecem a cultura e a arte como dimensões essenciais da formação humana e da promoção da cidadania cultural. Iniciativas semelhantes reafirmam o papel

estratégico da cultura nas ações de extensão universitária e no fortalecimento dos laços entre universidade e sociedade. A Universidade Federal da Bahia (UFBA), por exemplo, desenvolve projetos como o Festival Vivadança e o Projeto Música no Campus, ambos voltados à valorização da arte como prática de formação humana, de integração social e de democratização do acesso à cultura no ambiente acadêmico.

Outro exemplo é o Programa Arte na Universidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que promove exposições, saraus e intervenções culturais nas dependências da universidade, fortalecendo a relação entre arte, cultura e formação cidadã.

Essas ações reforçam o entendimento de que as universidades devem promover a cultura não apenas como objeto de estudo, mas como vivência, linguagem e prática transformadora, capaz de aproximar a comunidade acadêmica e seu entorno social. Para Marilena Chauí (2003, p. 33), a cultura universitária deve ser entendida como “um espaço de liberdade criativa, crítica e reflexiva”, e a extensão universitária deve funcionar como espaço de troca simbólica, onde a arte e a cultura cumprem função central no desenvolvimento das potencialidades humanas e na construção da autonomia dos sujeitos.

Sob essa perspectiva, a arte, em suas múltiplas formas de expressão, torna-se instrumento de educação estética e política, fundamental para o desenvolvimento de competências como sensibilidade, criatividade, empatia e consciência social. Como salienta Freire (1996, p. 23), “não há educação neutra; ela é sempre um ato cultural e político”. Para Freire, a arte e a cultura devem ser reconhecidas como ferramentas emancipadoras, que favorecem a construção de uma consciência crítica e de um olhar mais sensível e ético sobre o mundo.

Canclini (2008) reforça que a cultura não pode ser vista apenas como um campo simbólico ou estético, mas também como um espaço de pertencimento, de identidade e de resistência social, e que a sua presença no ambiente universitário favorece a formação de cidadãos mais críticos, abertos à diversidade e preparados para os desafios da contemporaneidade. Para o referido autor, “as práticas culturais, longe de serem meramente decorativas, são espaços de disputa e de construção de sentidos para a vida social e acadêmica” (Canclini, 2008, p. 29).

Assim, o Projeto Talentos da Cairu insere-se em um movimento mais amplo, que reconhece a importância da cultura e da arte para a formação integral dos

estudantes e para o fortalecimento dos laços entre universidade e sociedade. Tais práticas contribuem para tornar a universidade um espaço mais humanizado, democrático e comprometido com a pluralidade de saberes e de expressões culturais, promovendo, assim, uma educação mais sensível, inclusiva e transformadora.

A Extensão Universitária como Ferramenta de Transformação

A extensão universitária, ao lado do ensino e da pesquisa, constitui um dos pilares fundamentais da universidade pública brasileira, conforme previsto nas Diretrizes para a Extensão na Educação Superior (Brasil, 2001). Trata-se de um campo de atuação que rompe as barreiras da universidade enquanto espaço fechado e elitizado, promovendo a articulação entre saberes acadêmicos e saberes populares, em uma perspectiva dialógica, crítica e emancipatória. Por meio da extensão, o conhecimento deixa de ser um produto restrito à academia e passa a cumprir sua função social, democratizando o acesso ao saber e valorizando as múltiplas formas de produção cultural existentes na sociedade.

Nesse processo, como ressalta Freire (1996, p. 34), “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Assim, a extensão universitária reafirma a educação como prática da liberdade, ao permitir que sujeitos historicamente silenciados possam expressar suas identidades, suas culturas e suas formas de ver e transformar a realidade. Freire defende ainda que a relação entre universidade e sociedade deve se pautar pelo respeito às culturas populares e pela escuta atenta aos saberes do outro, para que não se repita a lógica colonizadora de uma universidade que ensina e uma comunidade que apenas aprende. Para o autor, a verdadeira educação é sempre um encontro cultural e político, capaz de gerar transformação social.

O Projeto Talentos da Cairu representa um exemplo concreto de prática extensionista que busca promover esse tipo de transformação, ao evidenciar a cultura viva existente dentro da instituição e ao valorizar as expressões artísticas como formas legítimas de conhecimento e de humanização. Ações como essa reafirmam o compromisso da universidade com a democratização do acesso à cultura e com o reconhecimento dos sujeitos como produtores de conhecimento, arte e história. Nesse sentido, Chauí (2003, p. 37) reforça que “a universidade pública deve constituir-se

como espaço de invenção cultural, de crítica social e de compromisso com a cidadania e a democracia”. Segundo a autora, a extensão deve promover o intercâmbio simbólico e afetivo entre universidade e sociedade, ampliando as possibilidades de criação e partilha de saberes.

Canclini (2008, p. 29) contribui para essa discussão ao afirmar que “a cultura é o espaço onde se disputam sentidos e onde se constroem pertencimentos e identidades”. A presença da cultura e da arte no contexto universitário, por meio da extensão, torna-se, portanto, um instrumento de resistência e valorização das subjetividades. Canclini reforça que as práticas culturais não são meramente decorativas ou recreativas, mas constituem territórios de produção de sentidos e de disputas simbólicas que impactam diretamente a vida social, política e acadêmica.

Sob essa perspectiva, projetos extensionistas que valorizam a arte e a cultura, como o Talentos da Cairu, contribuem para o fortalecimento de vínculos afetivos e comunitários, promovem a inclusão, a diversidade e a pluralidade cultural, e colaboram para uma formação integral dos estudantes, não restrita às dimensões técnica e científica, mas que contempla também as dimensões estética, ética e social. Bourdieu (1996) já havia alertado que o acesso à cultura é um dos fatores determinantes para a ampliação das oportunidades sociais e para a ruptura de barreiras simbólicas que perpetuam as desigualdades.

Assim, a extensão universitária cumpre um papel estratégico na promoção da cidadania cultural, ao reconhecer a arte e a cultura como direitos fundamentais e como práticas que fortalecem a democracia, a diversidade e a justiça social. Ao aproximar universidade e sociedade por meio da arte, a extensão rompe hierarquias, amplia vozes e reafirma a universidade como espaço de humanização e transformação.

Considerações finais

Inserir a arte e a cultura no cotidiano universitário é, antes de tudo, reconhecer que o conhecimento não pode se limitar à racionalidade técnica e científica, mas deve incluir a dimensão simbólica, estética, ética e afetiva da experiência humana. A universidade, nesse sentido, precisa assumir plenamente sua condição de espaço de liberdade criativa, onde a ciência convive com a arte e a cultura, em um diálogo inesgotável que amplia as possibilidades de formação integral. Essa perspectiva

rompe com a visão utilitarista e instrumental da educação superior, que muitas vezes restringe a formação ao acúmulo de competências técnicas, e reafirma o caráter humanista da universidade como lugar de produção de sentidos, construção de identidades e promoção da cidadania.

O Projeto Talentos da Cairu, analisado ao longo deste artigo, ilustra concretamente essa concepção ao promover espaços de expressão e pertencimento que valorizam a subjetividade dos estudantes e colaboradores. Mais do que simples atividades culturais, trata-se de práticas extensionistas que resgatam a arte como dimensão formativa, fortalecendo vínculos comunitários e ampliando a compreensão da cultura como direito fundamental. Essa iniciativa confirma que a Universidade, quando se abre às manifestações culturais diversas, torna-se um espaço mais inclusivo, democrático e capaz de contribuir para a transformação social. Em concordância com Paulo Freire (1996), a arte e a cultura, ao serem integradas ao processo educativo, possibilitam leituras críticas do mundo, estimulam a criatividade e alimentam a imaginação, elementos indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Outro aspecto relevante é a articulação entre cultura e extensão universitária. Como destaca Marilena Chauí (2003), a extensão não deve ser pensada como “caridade cultural”, mas como troca e partilha de saberes. Essa concepção foi materializada pelo Projeto Talentos da Cairu, que possibilitou a convivência entre diferentes linguagens artísticas, reconhecendo tanto o valor das culturas populares e periféricas quanto a importância da produção acadêmica. Ao criar um espaço de encontro entre saberes, a universidade reafirma sua função social e se aproxima das comunidades que a cercam, fortalecendo o sentimento de pertencimento e compromisso coletivo. A cultura deixa, assim, de ser compreendida como privilégio de poucos e passa a se configurar como experiência compartilhada, que se atualiza e se reinventa no convívio social.

É importante destacar que a democratização da cultura, defendida por Bourdieu (1996), só se concretiza quando a universidade rompe com a lógica excludente que historicamente reservou o acesso à arte e ao conhecimento simbólico às elites econômicas e sociais. O Projeto Talentos da Cairu, ao valorizar expressões artísticas dos próprios estudantes e colaboradores, contribui para essa ruptura, legitimando práticas culturais que muitas vezes são invisibilizadas nos espaços acadêmicos

tradicionais. Ao reconhecer e difundir essas manifestações, a universidade não apenas acolhe a diversidade cultural, mas também amplia o repertório estético e crítico de toda a comunidade acadêmica.

Ao final desta reflexão, é possível afirmar que a celebração dos 120 anos da Fundação Visconde de Cairu é também um momento de reafirmação de compromissos. O percurso histórico da instituição demonstra que a integração entre ensino, pesquisa e extensão é fundamental para consolidar sua missão social. O Projeto Talentos da Cairu, enquanto iniciativa que articula arte e cultura, reafirma essa vocação e projeta novos caminhos para a construção de uma universidade mais aberta, plural e democrática. Ao valorizar a diversidade cultural, promover espaços de expressão e fortalecer vínculos comunitários, a Fundação reafirma o compromisso de formar cidadãos sensíveis, críticos e capazes de contribuir para a transformação da sociedade.

Portanto, inserir a arte e a cultura no cotidiano universitário significa investir em uma educação integral, que não se restringe à transmissão de conteúdos, mas que promove experiências estéticas, éticas e políticas capazes de transformar sujeitos e contextos sociais. A universidade, ao reconhecer o valor da cultura como direito e como prática cotidiana, reafirma-se como espaço de liberdade criativa e de construção coletiva do conhecimento. Assim, as práticas integradoras analisadas neste artigo não apenas celebram a trajetória da Fundação Visconde de Cairu, mas também apontam para a necessidade de consolidar uma universidade mais humana, inclusiva e comprometida com a democracia cultural e com a justiça social.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília: MEC, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**: a cultura audiovisual na era digital. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Universidade pública sob nova perspectiva**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PROJETO Talentos da Cairu. **A cultura na universidade**: arte, cidadania e inclusão social. Salvador: Fundação Visconde de Cairu, 2024.

UNIVERSIDADE Federal da Bahia (UFBA). Projeto Música no Campus. Salvador, UFBA. <https://www.ufba.br>

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Programa Arte na Universidade. Natal, UFRN. <https://www.ufrn.br>